

## Implantação de disciplina de laboratório experimental em mestrado profissional em jornalismo: potenciais e limitações

Implementing an laboratory discipline in a professional master program in journalism: potentials and limitations

Implementación de la disciplina de laboratorio experimental en el máster profesional en periodismo: potencialidades y limitaciones

Recebido em: 31/12/2020

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.430

### RESUMO

Este relato apresenta a experiência de criação e implantação da disciplina "Laboratório de Intervenção e Experimentação Jornalística", parte obrigatória da formação dos alunos e pesquisadores do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM – Centro Universitário. Adotando a metodologia de pesquisa-ação, a disciplina laboratorial apresentava aos alunos conceitos e práticas para a implantação de projetos de intervenção experimental em parceria colaborativa com instituições que demandavam mudanças em seus processos de comunicação. O relato discute os potenciais e limites da experiência, considerando a transposição das habilidades aprendidas coletivamente nos projetos individuais de pesquisa dos alunos, o ritmo de negociação com parceiros e a publicação do protótipo desenvolvido.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino. Mestrado Profissional. Laboratório. Pós-Graduação.

### ABSTRACT

This report presents the experience of creating and implementing the discipline "Laboratory of Journalistic Intervention and Experimentation", a mandatory course for students and researchers at the Professional Master Program in Journalism at FIAM-FAAM. Based on action research methodology, this course discussed concepts and practices that could inspire experimental intervention projects in collaboration with institutions that needed to improve their communication practices. This report discusses potentials and obstacles found in this experience, including deadlines that had to be negotiated with collaborators, prototypes that were holdback before publishing and, specially, how students struggled to adapt skills developed during this course in their individual research projects.

### KEYWORDS

Journalism. Education. Professional Master's Program. Laboratory. Postgraduate.

### RESUMEN

Este informe presenta la experiencia de creación de la disciplina "Laboratorio de Intervención y Experimentación Periodística", parte obligatoria de la formación de estudiantes e investigadores del Máster Profesional en Periodismo de FIAM-FAAM. Adoptando la metodología de investigación-acción, la disciplina de laboratorio presentó a los estudiantes conceptos y prácticas para implementar proyectos de intervención experimental en alianza colaborativa con instituciones que demandaban cambios en sus procesos de comunicación. El informe analiza potencialidades y límites de la experiencia: la transposición de las habilidades aprendidas colectivamente en proyectos de investigación individuales de los estudiantes; el ritmo de negociación con los involucrados; y la publicación del prototipo final.

### PALABRAS CLAVE

Periodismo. Educación. Máster profesional. Laboratorio. Posgraduación.

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



### Ivan Paganotti

Doutor em Ciências da Comunicação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Pós-Com/Umesp).

[ivanpaganotti@gmail.com](mailto:ivanpaganotti@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Após um período de expansão em mestrados profissionais na comunicação e outras áreas afins (CAPES, 2019), o encantamento desse modelo parece ter desacelerado, com muitos programas criados na última década tendo sido fechados após formar suas primeiras turmas (ASSIS, 2018), restando hoje poucos programas na área de jornalismo, especificamente. Esse cenário mostra a dificuldade desses programas de pós-graduação profissionais atenderem a duas expectativas paralelas: por um lado, atrair parcerias, financiamento e estudantes da iniciativa privada, que poderia se aproximar das universidades no fomento de pesquisa com aplicação prática; por outro lado, a preparação de produtos finais que acompanhassem as dissertações acadêmicas, como protótipos ou formulação de processos práticos, que justificariam a especificidade da experiência do mestrado profissional, em comparação com sua contraparte acadêmica.

Durante esse período recente, muitos programas parecem ainda oferecer disciplinas com carga predominantemente teórica, com oferta restrita de formação em cursos práticos, como disciplinas experimentais ou laboratoriais. Esse é mais um sinal de um desencaixe entre as pesquisas e intervenções didáticas na pós-graduação, em contraste com seu nível imediatamente inferior. Nas graduações de jornalismo, por exemplo, disciplinas práticas de laboratório são elementos frequentes e obrigatórios (LOPES, 1989; MARTINS, 2012). Entretanto, ainda são raros os cursos de pós-graduação que ofertam disciplinas de laboratório, mesmo que muitos de seus docentes sejam também professores de graduação – não raro de disciplinas práticas e até mesmo laboratoriais. Essa possibilidade pode ser particularmente produtiva em mestrados profissionais, já que demandam uma maior aproximação com práticas jornalísticas e permitem parcerias com instituições e veículos de comunicação, refletindo e intervindo sobre o mercado de trabalho da imprensa.

Este relato a seguir apresenta a experiência de criação e implantação da disciplina “Laboratório de Intervenção e Experimentação Jornalística”, parte obrigatória da formação dos alunos e pesquisadores do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM – Centro Universitário em São Paulo. A criação dessa disciplina foi inspirada na metodologia de pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), procurando construir pontes entre a academia e instituições que demandassem mudanças em seus processos de comunicação. Para isso, os alunos desenvolviam projeto de intervenção experimental usando princípios do trabalho com projetos em educação e comunicação (MOURA; BARBOSA, 2013), identificando dificuldades e potenciais que resultariam em um protótipo construído de forma colaborativa pelos alunos e representantes das instituições parceiras.

A experiência conseguiu grande engajamento dos alunos no trabalho coletivo e abertura dos parceiros para a negociação, mas houve dificuldade para conduzir a implantação das propostas na limitação temporal do semestre letivo, sem conseguir colocar o produto desenvolvido no ar e engajar parceiros na continuidade autônoma do projeto. O relato a seguir também discute a ainda difícil transposição das habilidades aprendidas pelos alunos na disciplina laboratorial em seus próprios projetos de

---

<sup>1</sup> Uma versão inicial e reduzida desta pesquisa foi apresentada no 19º ENPJ - Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, realizado em 2020.

pesquisa individuais, e apresenta propostas para resolver esses desafios a partir da reflexão e sugestões de docentes, alunos e parceiros envolvidos no processo<sup>2</sup>.

## **2 METODOLOGIA: PESQUISA-AÇÃO EM PROJETO LABORATORIAL**

Peruzzo (2016, p. 3) já indicava que profissionais e pesquisadores na área de comunicação podem promover pesquisas colaborativas com “movimentos sociais populares, comunidades, organizações não governamentais (ONGs) e instituições públicas” de forma a atender as demandas dessas entidades por processos comunicacionais com maior eficiência e abrangência. Essa proposta segue a metodologia da pesquisa-ação de Thiollent (2011, p. 20), uma “pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com [...] a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes [...] estão envolvidos de modo cooperativo”. Para isso, é crucial frisar o caráter colaborativo desse trabalho, que pode ser construído em parcerias informais, mas que demandam respeito aos objetivos e limitações por parte dos pesquisadores e também dos envolvidos na realidade que se pretende compreender e aprimorar:

Desde o início do projeto, é preciso avaliar a disposição dos atores a cooperarem (cooperatividade) entre si para definir uma ação possível, com suas implicações em termos de expectativas de ganhos materiais ou simbólicos. Também é importante saber como os atores aderem ou se distanciam dos comportamentos mais comuns, isto é, daqueles voltados para interesses individuais, a competição. A continuidade do projeto existe somente se houver cooperação com reciprocidade. Quando os atores não mostram interesse, o projeto pode ser interrompido. (THIOLLENT; OLIVEIRA, 2016, p. 359)

Para Thiollent (2011), a pesquisa-ação demanda reconhecer a responsabilidade social da intervenção, ao mesmo tempo em que se critica a abordagem tradicional do objetivismo científico, que segrega observador do “objeto” de conhecimento: na pesquisa ação, todos são sujeitos e merecem respeito, evitando a “extração” do saber por uma ciência colonizadora ou extrativista. Nesse sentido, a pesquisa é conduzida com abertura e transparência, discutindo coletivamente com todos os sujeitos envolvidos seus objetivos, métodos e resultados em formato acessível.

Peruzzo (2016, p. 15-17) organiza a pesquisa-ação em seis fases: em primeiro lugar, conduz-se um “estudo exploratório”, indo além do tradicional levantamento bibliográfico para reconhecer o contexto concreto da realidade específica, identificando

---

<sup>2</sup> É necessário agradecer alguns colegas que participaram da experiência dessa disciplina, especialmente às ex-professoras do Mestrado Profissional em Jornalismo FIAM-FAAM Alciane Nolibos Baccin (atual docente na Universidade Federal do Pampa) e Michele Roxo de Oliveira, com quem formulei a ementa, o programa e as referências bibliográficas desta disciplina, e ao então coordenador, Francisco de Assis (atualmente em pós-doutorado na Faculdade Cásper Líbero), por confiar-nos essa missão. Também sou grato aos alunos das duas turmas do Mestrado Profissional em Jornalismo FIAM-FAAM, que aceitaram o desafio apresentado pelo docente e envolveram-se com o trabalho na disciplina, apresentando valiosas contribuições e sugestões para seu aprimoramento em seus relatórios finais: no segundo semestre de 2018, Camila Garcia da Silva, Nicole Morihama, Humberto Lima Pimentel e Vanessa Teixeira de Barros; no primeiro semestre de 2019, Caroline Pasternack Pereira dos Santos, Natália Rodrigues Salomão, Domingos Arthur de Freitas Silva, Daniele de Jesus Motta da Silva e Gerson Victor dos Santos. Por fim, preciso apresentar gratidão em relação aos parceiros Elaine Lizeo (da Escola Comum), Leandro Lucato Moretti e o prof. dr. Benedito Antonio Genofre Prezia (Pindorama/PUC-SP) com quem desenvolvemos os projetos colaborativos durante os dois últimos anos.

também potenciais parceiros futuros; em segundo lugar, vem o planejamento da pesquisa, construindo acordos sobre as atividades e parcerias necessárias; em terceiro lugar, o plano inicial passa por revisões e readequações, considerando obstáculos encontrados ou divergências nas expectativas dos coparticipantes; em quarto lugar, passa-se ao trabalho de campo, identificando os fatores que influenciam a situação-problema específica e quais ações poderiam ser sugeridas; em quinto lugar, os resultados parciais são apresentados aos representantes da comunidade afetada, avaliando conjuntamente as alternativas de ação; até finalmente divulgar o resultado final da pesquisa ação, na sua sexta fase, por meio de relatórios acessíveis aos interessados nesse grupo específico e para demais comunidades interessadas, incluindo pesquisadores e demais públicos que enfrentem situações semelhantes.

Por fim, essa metodologia foi integrada ao modelo de gerenciamento de projetos “SKOPOS” (MOURA; BARBOSA, 2013, p. 46), que trata da delimitação de objetivos centrais – o escopo de um projeto – em um processo em que o planejamento é constantemente corrigido durante sua execução, ou seja, em que o plano de ação precede, mas também acompanha, o plano de controle e sua gestão. Moura e Barbosa (2013, p. 47) sugerem que projetos que sigam esse modelo de organização devem partir de uma definição bastante clara de seu *Escopo*, o que inclui identificar o problema concreto que se pretende corrigir, as circunstâncias ao seu redor, a justificativa da relevância do projeto, seus objetivos, resultados esperados e abrangência. Após a definição de seu escopo, esboça-se um *Plano de Ação*, com atividades, cronograma e estimativas de recursos necessários, e um *Plano de Monitoramento e Avaliação*, ou PMA, com planilhas de monitoramento, matriz de resultados esperados e análises de riscos que podem ser enfrentados (MOURA; BARBOSA, 2013, p. 48-49). Isso permite correções constantes do curso durante a *gestão* do projeto, que inclui treinamento e organização de equipes, execução das tarefas, registros, comunicação de demandas, controle e encerramento (MOURA; BARBOSA, 2013, p. 175). Esse modelo auxilia a organização das tarefas e se alinha com a metodologia da pesquisa-ação, com possibilidade de sobreposição de diversas fases, como será discutido a seguir.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO: LEVANTAMENTO DE EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS

Disciplinas laboratoriais são elemento tradicional e obrigatório nos currículos de cursos de graduação em jornalismo, mas ainda engatinham em disciplinas de pós-graduação *stricto sensu*. Ao analisar experiências de laboratórios de jornalismo na graduação, Lopes (1989, p. 176) destaca que esse trabalho prático apresenta grande desafio ao integrar os alunos com sua realidade social circundante, apontando a responsabilidade social de sua prática. Ao mesmo tempo, essas disciplinas na graduação apresentam também uma oportunidade para um espaço de trabalho mais horizontal e colaborativo, no qual os alunos apresentam papel ativo na organização e na divisão de tarefas, acordadas de forma mais democrática:

O importante na estrutura desses veículos é a discussão democrática que os caracteriza através dos tempos. Se os professores sempre estiveram preocupados com reavaliações dos projetos e apresentação de novas propostas, além de críticas às deficiências, os alunos também aproveitaram o espaço para propor mudanças estruturais, criticar as falhas tanto de caráter pedagógico quanto no próprio processo, sendo levados em consideração. A elaboração

da pauta nesses órgãos era efetivada durante debates e sugestões entre alunos e professores, com base na vivência adquirida junto às comunidades. (LOPES, 1989, p. 176)

Desde a Resolução 02/1984 do antigo Conselho Federal de Educação, laboratórios com atividades práticas devem contar com uma carga mínima de créditos obrigatórios nas graduações de jornalismo no Brasil (MARTINS, 2012, p. 85). Lopes (1989, p. 34) destaca que essas disciplinas não devem somente apresentar as melhores práticas, treinando os alunos a replicar o que o mercado profissional já faz e espera dos futuros jornalistas, mas também abrir espaço para formatos alternativos e inovadores, que podem ser ainda muito ousados para o mercado tradicional – ou que demandam grande investimento de tempo em temáticas com aparentemente menor interesse comercial, mas grande relevância social. Nesse sentido, em disciplina laboratorial “é possível contrabalançar a reprodução dos padrões jornalísticos dominantes com a criação de novos modelos que possam constituir alternativas viáveis” (LOPES 1989, p. 34).

Na pós-graduação, entretanto, essa obrigatoriedade de experiência prática em laboratórios não encontra correspondência nem nos mestrados ou doutorados profissionais na área da comunicação. Ao mesmo tempo, a pesquisa em jornalismo é vista, nas palavras de Emerim, Pereira, Pontes e Grohmann (2019, p. 19), em “perspectiva meramente dos gastos e retornos financeiros, e não como investimentos necessários ao desenvolvimento social e econômico de um país e de sua sociedade”, que resultam em financiamento restrito para “estruturação de laboratórios e bibliotecas” (EMERIM et al., 2019, p. 19). Mais grave ainda são as recentes “demissões de professores de excelência e competência reconhecida no campo, [...] pesquisadores experientes, o fechamento de linhas de pesquisa em jornalismo e, até mesmo, de cursos de graduação” (EMERIM et al., 2019, p. 20), o que pode também acarretar a descontinuidade e fechamento de cursos de pós-graduação, incluindo mestrados profissionais em jornalismo como os da FIAM-FAAM (ASSIS, 2018, p. 10).

É interessante apontar que esses últimos anos de demissões e fechamentos apresentam uma brusca inflexão nos últimos anos, em evidente contraste com o período anterior. Até meados da década de 2010, parte da expansão da pós-graduação na área de comunicação resultava justamente da abertura de mestrados profissionais, que cresceram em ritmo superior ao dos programas acadêmicos na última década (CAPES, 2019):

Destaca-se que um dos elementos de sustentação deste crescimento no último quadriênio, refere-se à criação de mestrados profissionais. Atualmente, dos 135 (cento e trinta e cinco) cursos da Área, 20 (vinte) são profissionais, dos quais 8 (oito) são da Ciência da Informação, 9 (nove) da Comunicação e 2 (dois) da Museologia [...]. Observa-se significativo crescimento dos cursos profissionais entre os anos de 2009 e 2019 [...], pois em 2009 a Área contava com apenas 1 (um) curso e em 2019 conta com 19 (dezenove) cursos de MP, representando cerca de 14,07% do total de cursos da Área de Comunicação e Informação. (CAPES, 2019, p. 6)

Apesar de doutorados profissionais terem sido recentemente autorizados, segundo relatórios da Capes (2019), a área de comunicação ainda não conta com essa modalidade, restringindo-se aos mestrados profissionais. Entre os programas de mestrado profissional em jornalismo que estiveram em funcionamento nos últimos anos, é pequeno o número de cursos que oferecem disciplina laboratorial prática. Partindo

da lista de filiados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) disponível em seu site<sup>3</sup>, é possível identificar três mestrados profissionais: o de Jornalismo da FIAM-FAAM, encerrado em 2020; o mestrado profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS); e o programa de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que também apresenta mestrado profissional<sup>4</sup>.

A partir desse levantamento de mestrados profissionais, é possível consultar as informações de suas disciplinas atuais e anteriores a partir da plataforma Sucupira<sup>5</sup>, que disponibiliza os dados das coletas anuais demandadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Ministério da Educação (CAPES/MEC). Assim, consultando os dados dos três programas de mestrado profissional, é possível acessar as ementas das disciplinas de cursos de laboratório prático em dois deles (visto que o programa da USCS não apresenta disciplina laboratorial nos dados disponíveis no Sucupira), ambos na área do Jornalismo: a disciplina optativa “Laboratório de redação jornalística: impresso, visual, sonoro, digital”, disponível desde 2013 na UFPB<sup>6</sup>; e a disciplina obrigatória “Laboratório de Intervenção e Experimentação Jornalística”, oferecida pela FIAM-FAAM<sup>7</sup> entre 2018 e 2019. Essa segunda disciplina mais recente – e a única a constar como obrigatória entre os programas profissional na área de comunicação – é o foco deste relato, e será detalhada a seguir.

Mas é interessante, antes, mencionar brevemente a documentação disponível sobre o laboratório da UFPB. Sua ementa, disponível na plataforma Sucupira, aponta que a disciplina optativa está estruturada em módulos ministrados por diferentes docentes:

---

<sup>3</sup> A lista de filiados da Compós está disponível em: <<https://www.compos.org.br/programas.php>>. Acesso em: 30 dez. 2020. O inventário, evidentemente, não é exaustivo, visto que nem todos os programas da área são necessariamente filiados a essa associação. Além disso, é importante destacar que nem sempre os programas apresentam a nomenclatura “mestrado profissional”, como é o caso do programa da UFPB, que só explicita essa modalidade no detalhamento de sua página própria, acessível a partir da lista geral da Compós. Mas a lista de filiados da associação ainda é a mais representativa e ampla da pós-graduação brasileira. Entretanto, é importante destacar que programas encerrados já não constam na lista, como o Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado (MPPJM) da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo. Ainda assim, esse programa já concluído tampouco apresentava disciplina específica de laboratório prático entre as que constam na plataforma Sucupira.

<sup>4</sup> Vale destacar que, entre os quatro programas de pós-graduação em jornalismo que constam na lista da Compós, somente dois são mestrados profissionais: os já citados da FIAM-FAAM e da UFPB. Os outros dois programas acadêmicos em jornalismo são os da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

<sup>6</sup> Ementa da disciplina disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id\\_disciplina=316733](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id_disciplina=316733)>. Acesso em: 30 dez. 2020. Importante destacar que a UFPB também apresenta outra disciplina com o nome “Laboratório de análise de linguagens dos meios”, mas que consta com uma ementa mais analítica do que prática, também disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id\\_disciplina=158330](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id_disciplina=158330)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

<sup>7</sup> Ementa da disciplina disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id\\_disciplina=301953](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id_disciplina=301953)>. Acesso em: 30 dez. 2020. A plataforma Sucupira também aponta que, entre 2015 e 2018, a FIAM-FAAM também ofereceu a disciplina optativa “Laboratório de crítica e produção jornalística”, mas sua experiência já havia sido descontinuada no início de 2018, quando o curso passou por reformulação em sua grade. A ementa dessa disciplina anterior também está disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id\\_disciplina=193866](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id_disciplina=193866)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

No módulo 1, trabalha-se o percurso clássico que fundamenta a linguagem jornalística em seus produtos (notícia, reportagem, infografias, gêneros jornalísticos). Experimentações na linguagem jornalística: o jornalismo literário, o “New Journalism”. O livro-reportagem como produto jornalístico. No módulo 2, propiciará experimentos nos processos [sic] gráficos e de editoração, com incidência nos diversos produtos jornalísticos e o debate sobre o design da informação na contemporaneidade. No módulo 3, trabalha-se os processos de apropriação da linguagem jornalística em dimensões audiovisuais [sic]: o Radiojornalismo e o Telejornalismo são debatidos nas lógicas [da] teoria e prática. No módulo 4, experimenta-se o debate em torno do jornalismo online, enfatizando o papel da interação e da convergência midiática, na constituição de novas modalidades para o fazer jornalístico.<sup>8</sup>

É interessante destacar que, dos quatro módulos do curso, somente o segundo e o terceiro tratam especificamente da produção e da prática jornalística, com “experimentos nos processos gráficos e de editoração” e “processos de apropriação da linguagem jornalística em dimensões audiovisuais”, respectivamente, enquanto os outros módulos tratam mais da reflexão ou debate sobre conceitos e produtos jornalísticos já existentes, ao invés da produção própria pelos alunos, como esperado em disciplina laboratorial.

Essa tensão entre reflexão teórica e prática não é uma marca isolada da disciplina da UFPB. Os representantes da área de Comunicação e Informação na CAPES já indicavam, na documentação do Seminário de Meio de Termo de 2019, que esse é um desafio próprio dos mestrados profissionais, que procuram formar alunos que possam ir além da preparação de dissertações conceituais – como seria já feito em um mestrado acadêmico – e também consigam desenvolver produtos ou processos produtivos que acompanhem seus trabalhos finais. Essa é uma das conclusões que podem ser obtidas a partir da leitura dos resultados de questionário diagnóstico da área de comunicação em 2019. A área ainda é dominada por programas profissionais: entre os 89 programas da área – 56 deles da Comunicação – somente 19 são profissionais (CAPES, 2019, p. 33). Entre os 79 programas que responderam ao questionário de diagnóstico da área, 51 deles eram da comunicação. Os resultados dos programas profissionais trazem números reveladores:

3 programas profissionais disseram que o formato do trabalho final tratava de detecção de problemas, 9 programas disseram que o formato era de detecção de problemas e aplicação de soluções, 3 programas responderam tratar-se de inovação social, 4 programas disseram tratar-se de inovação tecnológica e 3 informaram outros tipos de formato. (CAPES, 2019, p. 34)

Pelos números indicados no relatório, somente três programas apresentam trabalhos descritivos/analíticos, focando na identificação de problemas, enquanto os outros permitem que os alunos apresentem também propostas para resolver o cenário adverso identificado, sugerindo práticas inovadoras (CAPES, 2019, p. 34). Nesse sentido, disciplinas laboratoriais podem justamente funcionar como um espaço privilegiado para que os mestrados tenham contato com algumas estratégias de formulação de produtos e processos comunicacionais focados na resolução de problemas a partir do trabalho colaborativo com colegas, sob supervisão docente.

---

<sup>8</sup> Ementa da disciplina disponível pela plataforma Sucupira em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id\\_disciplina=316733](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/disciplina/viewDisciplina.xhtml?popup=true&id_disciplina=316733)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

Ao discutir sua experiência na implantação do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado na ESPM, posteriormente descontinuado pela instituição, Antonioli (*in* MALULY, 2016) destaca o diferencial dessa modalidade ao aproximar a pesquisa acadêmica da prática do mercado, diagnosticando fragilidades que possam ser aprimoradas:

O Mestrado Profissional em Jornalismo vem atender não somente a necessidade de uma demanda de profissionais que buscam uma alta qualificação, como também, uma integração mais forte entre academia e mercado [...]. De acordo com a legislação, o mestrado profissional leva em consideração a importância de capacitar pesquisadores profissionais que colaborem para aumentar o potencial interno de geração, difusão e utilização de conhecimentos científicos nas empresas. Assim, o Mestrado Profissional em Jornalismo deve qualificar pesquisadores profissionais para que os mesmos gerem conhecimento e levem a produção de ciência para as empresas jornalísticas ou mesmo para o desenvolvimento de novos projetos. [...] Uma diferença que considero fundamental é o trabalho de conclusão de curso que, no caso do Mestrado Profissional, pode ser desenvolvido em diversos formatos, como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, desenvolvimento de aplicativos, produção de programas e projetos de mídia, propostas de novos modelos de negócios em jornalismo, editoria, softwares, estudos de caso, projetos de inovação tecnológica, entre outros. É uma oportunidade para os pesquisadores que tenham interesse na ciência voltada, também, para o mercado. (ANTONIOLI *in* MALULY, 2016, p. 36-37)

Esse foi igualmente o foco do Mestrado Profissional em Jornalismo da FIAM-FAAM, foco desta presente pesquisa, durante sua existência, entre 2015 e 2020. Para Francisco de Assis (2018), coordenador durante um desses cinco anos, o curso apresentava uma ancoragem evidentemente acadêmica, deixando claro aos estudantes “que o termo ‘profissional’ a lhe dar nome não pode ser confundido com ‘profissionalizante’, que pressuporia uma formação simplista e orientada à busca por resultados imediatos, superficiais e/ou redutores, ainda que pós-graduada” (ASSIS, 2018, p. 10). Em outras palavras, o curso procurava oferecer uma base conceitual e teórica sólida, apontando também algumas estratégias para que os alunos pudessem construir suas próprias propostas de intervenção sobre a realidade que tratavam de analisar em suas dissertações.

Na intersecção entre esse saber teórico e a prática profissional, encontra-se espaço para uma disciplina laboratorial que discuta fundamentos metodológicos e organizacionais para que os alunos consigam coletivamente experimentar e inovar na prática do jornalismo, ao mesmo tempo em que identificam estratégias que poderiam ser posteriormente aprimoradas em suas pesquisas individuais. Essa pode também ser uma oportunidade para firmar parcerias com instituições que se localizam além do espaço acadêmico. Rompendo com o foco simplesmente mercadológico, já criticado por Assis (2018), essa experiência permite também uma intervenção social relevante, mostrando que a pesquisa e o ensino na pós-graduação podem agir em nosso contexto atual, identificando problemas e apontando soluções dentro de nossa área profissional – como será apresentado na próxima seção.

## 4 DESENVOLVIMENTO: PROJETO EXPERIMENTAL PRÁTICO



A disciplina “Laboratório de Intervenção e Experimentação Jornalística” foi incluída como uma das três obrigatórias no Mestrado Profissional em Jornalismo, ao lado dos cursos em Teoria do Jornalismo e Metodologia de Pesquisa, e era cursada no segundo semestre de aulas, quando os alunos também elegem optativas para aprofundar seus estudos. Desde sua criação, apresentou o mesmo docente responsável (o autor deste relato), buscando atingir três objetivos: apresentar práticas e conhecimentos para a construção colaborativa de proposta de intervenção prática que resulte em produto jornalístico, como site ou plano de comunicação; construir parcerias com veículos de comunicação e instituições sociais para aprimorar sua comunicação interna e externa, aproximando os alunos das demandas do mercado; incentivar que os alunos apliquem conhecimentos adquiridos com a experiência em suas pesquisas individuais, produzindo posteriormente protótipos que acompanhem suas dissertações.

O curso organizava-se em três blocos, aglutinando as seis etapas da pesquisa-ação de Peruzzo (2016), conforme a tabela a seguir (Tabela 1):

Tabela 1. Organização dos módulos curriculares aglutinando fases da pesquisa-ação

Fases da pesquisa-ação	Módulos curriculares
1. <b>Estudo exploratório:</b> reconhecer situação e iniciar contatos	A. <b>Teoria e prática:</b> pesquisa-ação
2. <b>Planejamento da pesquisa e acordo</b> sobre atividades e parcerias	B. <b>Projeto:</b> planejamento
3. <b>Revisões</b> e adequações	I. <i>Pitch meeting</i>
4. <b>Trabalho de campo / ação</b>	II. Escolha: relevância, inovação e factibilidade
5. <b>Apresentação</b> de resultados parciais	III. Proposta: ponte com parceiro
6. <b>Relatório</b> acessível, divulgado aos interessados	IV. Organização de tarefas
	V. Pesquisa de campo: visitas
	C. <b>Execução:</b> apresentação, relatório e feedback

Fonte: elaboração do autor para a presente pesquisa a partir de sistematização de Peruzzo (2016) na coluna da esquerda.

As quatro aulas iniciais apresentam os princípios, conceitos e teorias envolvendo diferentes abordagens da pesquisa aplicada em jornalismo, discutindo a resolução de problemas em organizações e movimentos sociais (PERUZZO, 2016) com foco específico na metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Convidados externos e alunos de turmas anteriores do mestrado apresentam seus projetos de intervenção, debatendo com os alunos seus desafios e inspirações.

O segundo bloco, com cinco encontros, envolve a preparação de um projeto de trabalho coletivo, seguindo o modelo SKOPOS de planejamento (MOURA; BARBOSA, 2013, p. 50): em *pitch meeting*, cada aluno apresenta a proposta de parceria com uma instituição, apresentando seus problemas de comunicação (levantados durante pesquisa individual realizada pelos alunos na parte inicial desta disciplina) e uma proposta jornalística para resolvê-los. Cada sugestão é então classificada segundo critérios de relevância social da instituição e do problema diagnosticado, além de avaliar o potencial de inovação e a factibilidade da proposta. A escolha é realizada pelos próprios alunos, sem voto do docente, que interfere somente com instruções para a preparação das propostas, formula perguntas nas apresentações, explica critérios de avaliação e organiza tabelas comparativas e documentos de registro do processo (Imagem 1).

Imagem 1. Documento coletivo sistematiza propostas do *pitch meeting*.

1	A	B	C	D	E	F	G
	Aluno	Entidade	Problema	Proposta	Factibilidade	Relevância	Potencial de inovação
2	Arthur	Promove inclusão social	Site com design com falhas; imagens pouco informativas; poucas curtidas no Facebook, sem newsletter; poucos parceiros; pouco conhecidos na região, falta assessoria	Comunicação com parceiros, pensar assessoria pontual (newsletter/ redes sociais), treinar multiplicadores locais na ong, envolvimento dos parceiros e dos atendidos (dar maior visibilidade)	Cláudia e Daniela (Bortolândia e Jaçanã) já consultadas	Ong antiga, muitos atendidos (mais de mil), mas pouco conhecida, com poucos recursos	Treinamento de assessoria; comunicação pontual
3	Caroline	Criart escola de design de Campo Limpo	Falta estrutura para financiamento coletivo; falta site; melhorar comunicação off-line (escolas da região); melhorar prestação de contas e informação sobre turma anterior e próxima (inscrição); posts desatualizados em redes sociais	Criar site com dados das turmas, inscrições; melhorar comunicação nas redes sociais e off-line	Carol entrevistou criadores (Gustavo e Franciele)	Design para periferia da ZS/O; turma começou no final do ano passado; projeto gratuito	Preocupação com design e comunicação; integrar off-line e online
4	Gerson	Programa Pindorama	Falta identidade nas mídias; experiência oscila de turma para turma, com transição difícil; página desatualizada em flash; rede social sem gestão consistente (boom registro, mas divulgação problemática)	Desenvolver manual de identidade; focar em menos redes sociais; melhorar divulgação; criar site ou blog; oficinas de alimentação das páginas e texto; gravar vídeo de apresentação; estruturar evento	Gerson já fez parte do programa e tem contato com frequentadores; coordenador Prof Benedito Prezia / Alexandro	Inclusão indígena na universidade, fortalecer ascendência indígena; reforço escolar	Parceria interuniversitária, treinamento para produção de conteúdo; ponte com o NERA-Fiam-Faam
5	Daniele	Rede Social do Centro	Site antiquado; sem conteúdo realmente noticioso; partes do site sem conteúdo; redes sociais pouco atraentes (só banners no insta e fb)	Novo site, novo logo, plano de comunicação, nova newsletter, usar storytelling, treinamento para criar conteúdo, auxiliar atração para doação	Daniel Chechio (whatsapp) - abertura "escancarada"	Mobilização em região da cracolândia, demandam ajuda	Inspiração na SP Invisível, pensar plataforma, articulação para doação; trabalhar com storytelling
6	Natalia	Podcast "Em frente, marche!"	Recém lançado, não tem site (só vídeo), procurar patrocinadores, ampliar acessos, nicho específico com pouco conteúdo nas outras mídias	Site e redes sociais para direcionar para o podcast	Diego Pais (amigo da Natalia)	Interesse das cidades vizinhas nos concursos em bandas de fanfarras; podcasts estão crescendo no Brasil	Mídia e tema pouco desenvolvidos no Brasil, áudio é um desafio grande para edição

Fonte: elaboração coletiva pelos alunos da turma de 2019 da disciplina.

Após a escolha da proposta, o grupo todo detalha o formato do produto que se pretende desenvolver, organiza em cronograma as tarefas a serem executadas, apontando indivíduos ou equipes responsáveis. Esse documento será constantemente atualizado nas aulas seguintes, acompanhando as atividades concluídas, em verde, ou as pendências que demandam discussão posterior com parceiros ou a conclusão de outras atividades prévias, em amarelo (Imagem 2).

Imagem 2. Documento que sistematiza tarefas, responsáveis e aloca horas/trabalho.

	A	B	C	D	E	F	G
1	Bloco	Tarefa	Arthur	Caroline	Daniele	Gerson	Natalia
2		Horas	14	13	12	13	11
3		Logo	1			2	
4	Identidade visual	Templates					1
5		Manual de Identidade Visual	1			1	3
6		Definir plataforma (verificar se é exportável para servidor próprio/PUC)				1	
7	Site/blog	Planejamento da estrutura	2		2	2	
8		Destacar vídeos da TV Puc	1				
9		Lincar com redes sociais	1			1	
10		depoimentos	2				
11	Conteúdo	documentos		1			
12		notas sobre eventos			2	2	
13		Conteúdo institucional / instruções para novos membros		3	3		
14		Planejamento estratégico (de conteúdo)		2	2		2
15		Replicar conteúdo com comentários					
16		Prévia da reunião: Whatsapp interno (imagens)					1
17	Divulgação	Posterior dos eventos: redes sociais abertas		1	1		
18		Site PUC: banner / link					
19		Redes sociais da PUC					
20		Parceria com outras instituições (UFSCar, UFABC, UnB, Unicamp, UFGC)	3			1	
21		Planejamento		2	2		2
22	Redes Sociais	Benchmarking (ISA, CIMI, CTI) - Diagnostico_RedesSociais.ppt					2
23		Identificar gerenciadores					
24		Organizar imagens e vídeos	1				
25		Centralizar emails existentes / atual / institucional				1	
26	Contato	Carteira de senhas (perfis, senhas e responsáveis)				1	
27		SEO					
28		apresentação do projeto					
29	Oficinas de treinamento	Captação de imagens e vídeos					
30		Produção de imagens, documentos e posts					
31		Técnicas de divulgação de eventos			2		
32		Definir data segundo semestre (novembro?)					
33	Eventos	Parceria NERA-FIAM				1	
34		Divulgação: cartaz / banners / posts	2			2	

Fonte: elaboração coletiva pelos alunos da turma de 2019 da disciplina.

O passo seguinte envolve a preparação de uma apresentação que sintetize a proposta para discutir com os candidatos à parceria. Os alunos e o docente encontram então um visitante que represente a instituição com que se busca o trabalho colaborativo, e apresentam a proposta detalhada, negociando as possibilidades e prioridades da intervenção.

No primeiro semestre em que essa disciplina foi ofertada, no final de 2018, foi construída uma parceria com a Escola Comum, que oferecia cursos para lideranças sociais das periferias de São Paulo. Os mestrandos identificaram que a organização carecia de site oficial, tinha presença ainda tímida nas redes sociais e enfrentava dificuldade para conseguir doações e parcerias para o oferecimento de suas aulas, problemas que os estudantes procuraram sanar na criação de site, clipping, fotografias e um plano de comunicação.

No semestre seguinte, no começo de 2019, outra iniciativa educacional foi adotada: o projeto Pindorama, da PUC-SP, que oferece bolsas e mecanismos de inclusão e promoção cultural para alunos indígenas. Os alunos reformularam seu site para concentrar sua produção audiovisual, prepararam textos para registrar o histórico da iniciativa e apresentaram propostas para divulgação de eventos em articulação com veículos de comunicação e organizações de temática semelhante.

Vale destacar que essa predominância do setor educacional entre as propostas acolhidas pode ser simples coincidência, visto que as parcerias sugeridas pelos alunos no *pitch meeting* incluíam também um *podcast*, um site de jornalismo ambiental, uma entidade de assistência social, um coletivo de ação urbana e um grupo musical que se apresenta em espaços públicos – ainda assim, a educação também era o foco de duas outras iniciativas sugeridas.

Com a aceitação das propostas, os alunos partiram para o terceiro e último bloco da disciplina, com sete aulas para implantar o que havia sido planejado. Em ambos os semestres isso envolveu uma visita técnica in loco para que os alunos pudessem conhecer outros integrantes das instituições parceiras, coletando dados e identificando novos elementos que pudessem afetar o desenvolvimento da proposta.

No laboratório de informática, os alunos organizaram-se na preparação, sob supervisão do docente, do protótipo a ser desenvolvido: isso incluiu a criação de sites jornalísticos, produção e edição de textos e material audiovisual, clipping de notícias, planos de comunicação, formulação de campanhas de doação, desenvolvimento de estratégias para redes sociais e recomendações para assessoria de imprensa. Ao término dessa etapa, os alunos encontraram mais uma vez os representantes da instituição parceira para apresentar a proposta pronta e instruí-los sobre como esses produtos e processos poderiam ser implantados, lançados e posteriormente atualizados.

Após essa apresentação, docente e alunos discutiram o processo e seu resultado final, considerando expectativas, dificuldades, objetivos atingidos e recomendações para aprimoramentos futuros. Os alunos apresentaram então seus relatórios individuais, detalhando contribuições e feedback crítico sobre a experiência. Esses trabalhos foram então avaliados e comentados pelo docente em encontro final – aproveitado também para instruir os alunos sobre possibilidades de submissão de artigos para eventos acadêmicos ou periódicos científicos, além de uma oficina prática para atualização de currículos Lattes.

130

## 5 RESULTADOS: DESAFIOS, POTENCIAIS E OBSTÁCULOS

É importante destacar o pioneirismo da iniciativa ao inserir uma disciplina laboratorial prática em mestrado profissional, prática rara, como apontado no levantamento realizado anteriormente, e talvez única, se considerarmos que as outras disciplinas encontradas eram optativas, enquanto aqui se trata de um curso obrigatório, parte essencial da formação de todos seus alunos, junto às disciplinas de metodologia de pesquisa e teorias e conceitos do jornalismo.

Os alunos reconheceram o potencial dessa proposta, e seu grande envolvimento com a disciplina comprova o potencial pedagógico de aproximar as discussões

teóricas da prática profissional e de instituições que atuam no mercado de trabalho. A abertura com os parceiros também se mostrou frutífera e, inicialmente, bastante fácil: as propostas de parceria foram prontamente aceitas após a apresentação dos problemas e possibilidades de intervenção pelos alunos.

Entretanto, o entusiasmo inicial com as propostas inovadoras dos alunos enfrentou uma dificuldade com a proximidade do final do semestre: em ambos os casos não foi possível conseguir autorização dos parceiros para publicação dos sites e instauração dos projetos de comunicação desenvolvidos pelos alunos. Assim, os produtos jornalísticos foram desenvolvidos, concluídos e elogiados pelos parceiros, mas ainda não foram implantados. Os principais motivos para esse atraso na publicação envolvem a dificuldade no treinamento de equipes das instituições para atualizar plataformas online ou implantar planos de comunicação, ou as mudanças por que as instituições passavam, que adiavam momentaneamente a implantação do projeto.

Considerando a terminologia adotada por Moura e Barbosa (2013, p. 174-5), o gargalo encontrou-se na execução, em particular na capacitação de recursos humanos e implementação. Essa dificuldade já estava prevista na metodologia de pesquisa-ação adotada (THIOLLENT; OLIVEIRA, 2016, p. 359), pois é necessário respeitar o ritmo dos parceiros: o trabalho colaborativo não permite impor agenda ou decisões de forma unilateral, sendo essencial compreender que as medidas sugeridas podem não ser, no momento, adotadas. Como o planejamento já previa essa possibilidade, foi possível evitar frustrações entre os envolvidos e a parceria ainda pode, no futuro, chegar à publicação dos protótipos e planos desenvolvidos pelos alunos e parceiros.

Um fator externo concomitante pode ter afetado a reta final da experiência: no final de 2018 (no último mês do primeiro semestre letivo dessa experiência), o mestrado profissional em jornalismo iniciou processo para ser descontinuado por parte da instituição de ensino do qual faz parte. Isso impediu a renovação de alunos e a ampliação de parcerias no futuro, mas os compromissos então formalizados foram cumpridos, e os alunos mantiveram grau considerável de envolvimento com o processo mesmo após esse anúncio adverso.

Se foi possível atingir os objetivos de construir pontes entre parceiros e apresentar aos alunos habilidades e conhecimentos necessários para desenvolver projetos práticos de intervenção, não é possível identificar um impacto considerável da experiência na formulação de produtos que acompanham as dissertações dos alunos do mestrado. Nenhum dos quatro alunos da primeira turma a se formar após a criação da disciplina apresentou proposta de intervenção ao término de sua pesquisa. Também na última turma nenhum dos cinco mestres formados apresentou propostas práticas de produtos ou processos profissionais, apesar de duas alunas terem inicialmente mencionado em suas qualificações (ainda que sem maior detalhamento) a possibilidade de acompanhar suas dissertações com propostas de intervenção práticas, o que não pode ser concluído devido a restrições de tempo. Nesse sentido, a disciplina acabou frustrando outro de seus objetivos, visto que nenhum dos alunos nessas duas turmas transpôs a experiência laboratorial no desenvolvimento de produtos práticos. Em contraste, na turma anterior, formada antes do desenvolvimento dessa nova disciplina

laboratorial, entre cinco formados, dois alunos já haviam apresentado um plano de negócio e um protótipo de site já online junto a suas dissertações<sup>9</sup>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formulação de propostas que resultem em produto ou processo organizacional é um desafio considerável de mestrados profissionais, e a disciplina que pretendia auxiliar os alunos nessa missão não pode, isoladamente, alterar esse cenário. Resta o desafio para que os cursos que ainda adotam esse modelo possam continuar e aprimorar essa experiência, assim como propostas futuras levem esses obstáculos em consideração antes de formular seus planos.

Em síntese, o resultado da experiência revela uma desafiadora luta contínua: para sincronizar o tempo limitado do semestre letivo com as necessárias autorizações e negociações com parceiros; na persistência dos docentes e discentes, mesmo com a descontinuidade institucional do mestrado; por fim, meses após o término dos semestres letivos, persiste a necessidade de contato com parceiros para treinar e motivar responsáveis pelas plataformas desenvolvidas e executar sua contínua atualização; e resta o desafio de aplicar as habilidades e conhecimentos aprendidos nas pesquisas de cada mestrando.

Novas iniciativas que se inspirem nesta experiência podem aproximar melhor alunos e professores do mestrado profissional com a graduação, em especial com alunos que desenvolvam iniciação científica, disciplinas práticas, laboratórios e empresa júnior, incluindo estágios nas instituições parceiras. Isso não só pode trazer novas perspectivas e habilidades como apontar uma maior sinergia e continuidade entre graduação e mestrado, mostrando caminhos para os alunos de ambas as esferas se aproximarem da pesquisa acadêmica, do mercado de trabalho e de instituições e veículos de comunicação profissionais.

132

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de. Fim - editorial. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 3, dez. 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/863/591>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório do Seminário de Meio Termo** - Comunicação e Informação. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-informacao-pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

---

<sup>9</sup> Vale destacar que esses dois estudantes da turma anterior (antes da nova disciplina) e as duas alunas da última turma (após a disciplina) que sugeriram propostas práticas em suas qualificações e dissertações foram orientados pelo autor dessa pesquisa, também docente responsável pela disciplina analisada. Isso pode sinalizar que suas propostas sejam resultado de insistentes cobranças em orientações, prática nem sempre compartilhada pela equipe de docentes do programa.

EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Fábio; PONTES, Felipe Simão; GROHMANN, Rafael. Pós-Graduação em Jornalismo no Brasil: desafios persistentes e proposta de agenda. //n. MARTINEZ, Monica; SILVA, Marcos Paulo da; STORCH, Laura (orgs.). **Pesquisa em Jornalismo**: dos conflitos em pauta aos conflitos do campo. Rio de Janeiro: SBPJor, 2019, p. 18-22. Disponível em: <[http://sbpjor.org.br/sbpjor/wp-content/uploads/2019/11/Livro\\_SBPJor.pdf](http://sbpjor.org.br/sbpjor/wp-content/uploads/2019/11/Livro_SBPJor.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

MALULY, Luciano Victor Barros. ENTREVISTA - Maria Elisabete Antonioli: Novos desafios à formação superior em jornalismo. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 34-39, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114674>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. O jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo. **Revista De Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 84-94, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3455>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

MOURA, Dácio Guimarães de; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com projetos**: planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

PERUZZO, Cicilia M. K. Epistemologia e método da pesquisa-ação: uma aproximação aos movimentos sociais e à comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., Goiânia, 2016. **Anais [...]**. Brasília: Compós, 2016. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisa-a%C3%A7%C3%A3o...ciciliaperuzzo.modelocompos2016.\\_3270.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisa-a%C3%A7%C3%A3o...ciciliaperuzzo.modelocompos2016._3270.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Lídia. Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 5., Porto, 2016. **Anais [...]**. Porto: Universidade Lusófona do Porto, 2016. Disponível em: <<https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/978/954>>. Acesso em: 30 dez. 2020.